

Coluna do Castello

A maioria sensível ao sol que nasce

“**C**omo é que uma pessoa pode governar sozinha? Não governa.” Essa frase do deputado Ulysses Guimarães, registrada em recente entrevista do candidato presidencial a *Isto É- Senhor*, resume seu pensamento sobre o andamento e o desfecho da eleição de 15 de novembro. Ele está convencido de que a força do PMDB, uma vez mobilizada, o situará por si mesma no segundo escrutínio para decidir com candidato oriundo de pequeno partido, seja ele Brizola ou Fernando Collor, qual dos dois subirá a rampa do Palácio do Planalto. Nessa disputa, o eleitorado seria sensível à verificação de que quem dispõe de partido, e de equipe com que governar, é o candidato do partido majoritário e não outro qualquer que iria contar com a resistência, senão com a hostilidade, do Congresso. Evitaria, em consequência, o risco de ter um novo presidente que, a exemplo de Sarney, estaria paralisado precisamente por não dispor de maioria parlamentar.



O candidato do PMDB procura elidir a realidade que aponta no desprestígio dos partidos e dos políticos a razão da ascensão, em 1988, de candidatos de partidos menores e que pôs em primeiro lugar nas pesquisas, este ano, Brizola e Lula no começo e, depois, Fernando Collor de Mello. A opinião pública não parece sensível a problemas políticos, pois confia principalmente no poder do seu voto, que deseja impor precisamente aos que controlam a máquina partidária e os sindicatos de poder no país. Nem por isso deixa de ser sólida a razão de Ulysses Guimarães de advertir da impossibilidade de governar sem respaldo da maioria do Congresso que, em tese, deveria orientar a maioria dos eleitores. Isso deixou de acontecer pela decepção que essa maioria e os partidos que a simbolizam geraram depois da implantação da Nova República, em 1985. A última convergência do povo e dos políticos que comandam o país foi em 1986, quando deu ao PMDB 22 de 23 governadores.

Como se vê, há um círculo vicioso. Não se governa sem maioria mas também não se ganha eleição sem merecer a confiança popular. E o povo não está com o que hoje é a maioria. E a representação política ajusta-se ou costuma ajustar-se à realidade eleitoral do país. Basta lembrar que o PMDB substituiu em tamanho o PDS de 1984 e que o PFL de hoje é a soma do

pedessismo malufista daquele ano com o pedessismo dissidente que se aliou aos peemedebistas para eleger Tancredo Neves e José Sarney. Como nota que traduz o oportunismo habitual dos políticos, o grupo pefelista, que era a minoria do PDS, hoje representa dois terços do que era o partido, no qual permaneceram apenas representantes que mal chegam a um terço da antiga formação. Observe-se ainda que diversos deputados e senadores do PDS integram hoje as impávidas bancadas do PMDB. Pelo menos dois governadores da legenda dominante passaram pelo PDS, como podem se lembrar Moreira Franco e Alberto Silva.

Ulysses poderia respaldar seu raciocínio no que sucedeu em 1961 quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República apoiado apenas pela UDN, PR e PTN, cujas bancadas somadas seriam apenas um terço da soma de deputados e senadores do PSD e do PTB. O conflito entre um presidente sem apoio parlamentar e um Congresso reivindicante estaria na base da renúncia do chefe do governo. Para refrescar a memória do candidato peemedebista, convém lembrar alguns fatos. Para que um governo tenha maioria no Congresso, é preciso, antes de mais nada, querer tê-la. Que fez Jânio para conquistar o PSD e o PTB? Muito pouco, quase nada. Apesar disso, Brizola, poderoso governador do Rio Grande do Sul, mantinha aberta uma linha de entendimento com Jânio e João Goulart, vice-presidente, mantinha colóquios noturnos com o secretário particular de Jânio, José Aparecido. O líder do PSD na Câmara, José Maria Alkmim, hostil ao presidente publicamente, entrosava-se na intimidade com o líder do governo, Pedro Aleixo. O líder do PTB, Almino Afonso, posto à margem das conversas de Jango e Brizola, é quem mantinha a linha dura antijanista do seu partido.

Jânio Quadros teve apenas uma derrota no Senado, que recusou a indicação do senador José Ermirio de Moraes, do PTB, para embaixador em Bonn. Mas Jango também viu rejeitada a indicação do deputado e professor Queiroz Filho, do PDC, para embaixador no Vaticano. Em ambos os casos, pequenas represálias políticas que não retratavam, pelo menos nos tempos de Jânio, o namoro de senadores do PSD com o presidente da República. Vitorino Freire era um dos interlocutores habituais do presidente, que se esqueceu (talvez deliberadamente) de que o velho partido obedecia ao comando de Amaral Peixoto. Ulysses tem razão em dizer que não se governa sozinho. Mas se esqueceu de que a maioria no Brasil costuma ser flutuante. Sofre de heliotropismo. A rejeição de Sarney é posterior aos cinco anos que o PMDB lhe deu.

Os 80 anos de Magalhães Pinto

Os oitenta anos de idade do ex-governador Magalhães Pinto serão comemorados hoje em família. Não houve convites para o jantar no apartamento da Avenida Atlântica. Apenas o ministro José Aparecido, tido como da família, estará presente.

Carlos Castello Branco